

SESSÃO 6

FLORÍSTICA E FITOSSOCIOLOGIA

0814 - COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA EM CAPOEIRAS DA REGIÃO DO PACUÍ, AMAPÁ. Silas Mochiutti¹, José Antonio Leite de Queiroz¹ & Benedito Vítor Rabelo² -¹ Embrapa Amapá (leite@cpafap.embrapa.br), ² Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá.

A região do Pacuí, caracteriza-se por apresentar solos de textura leve com extensas áreas de capoeira, formadas após derrubada e queima da floresta para o cultivo de mandioca. Pesquisas têm sido realizadas visando a reintegração, mais rápida, dessas áreas ao processo produtivo, para evitar derrubada de novas áreas. Com o objetivo de avaliar-se a composição florística em capoeiras dessa região, recompondo-se naturalmente, realizou-se o presente trabalho. Foram instaladas 3 amostras de 20 x 50m, em capoeira com 5, 10 e 15 anos de idade, na qual registrou-se dados das palmeiras jovens e adultas e das folhosas com CAP (Circunferência a Altura do Peito) igual ou superior a 15 cm. A amostra de 5 anos apresentou 7 famílias, 7 gêneros e 8 espécies de folhosas, com população de 430/ha; 1 espécie de palmeira, com população de 30/ha. A amostra de 10 anos apresentou 12 famílias, 13 gêneros e 16 espécies de folhosas, com população de 350/ha; 1 família, 2 gêneros e 2 espécies de palmeira, com população de 60/ha. A amostra de 15 anos apresentou 13 famílias, 15 gêneros e 19 espécies de folhosas, com população de 550/ha; 1 espécie de palmeira, com população de 10/ha. Observou-se pouca diferença entre as amostras, quando considerou-se a população; já para a composição florística, observou-se que o número de espécies cresceu com o aumento da idade das capoeiras. Cinco folhosas estiveram presentes nas 3 amostras, com as seguintes densidades relativa: biribarana (*Annona sericea* Dun) família anonacea, com 39,5%, 14,3% e 1,8%; Raparigueira (*Conarus perrotteticoc*(D.C.) Planchon var. *angustifolius* Radlk) família Connaraceae, com 20,9%, 11,4% e 9,0%; Curupita (*Sapium taburo* Ule) família Euphorbiaceae com 14,0%, 2,9% e 1,8%; Chapéu de Sol (*Cordia sagoti* Johnston) família Boraginaceae, com 11,6%, 2,9% e 10,9%; Envia Preta (*Annona paludosa* Aublet) família Annonaceae, com 2,3%, 2,09% e 1,8%, respectivamente.

0815 - ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA FLORESTA CENTRO-AMAZÔNICA. William A. Rodrigues¹, Hans Klinge² & J. Finkkau². ¹ Departamento de Botânica, SCB, UFPR, ² Departamento de Ecologia Tropical, Instituto Max-Planck de Limnologia, Plön, Alemanha. (william@bio.ufpr.br)

Para se determinar a estrutura e funcionamento da floresta centro-amazônica, foram mapeadas, colhidas e pesadas todas as plantas acima de 1,5 m de altura de uma parcela de 0,20 ha adjacente à Reserva Florestal Walter Eglér, situada às margens da estrada Manaus-Itacoatiara, Km 64, Manaus. Verificou-se que na estação seca (junho de 1970) a serrapilheira fina no solo é de 5,8 t/ha e na chuvosa, 7,5 t/ha. A serrapilheira grossa (troncos e ramos) foi de 18,2 t/ha (matéria seca). Com base nesses dados e também no acúmulo dessa serrapilheira no solo, a taxa diária de decomposição da matéria orgânica foi em média de 0,56% para folhas ou 23,6 t/ha de matéria seca. Verificou-se, também que a quantidade de nutrientes obtidas da serrapilheira fina na estação seca é maior que na estação chuvosa. A produção total anual de matéria orgânica na floresta é de 12 t/ha (matéria seca), sendo a metade constituída de folhas, fato esse de grande importância para a nutrição florestal. Observou-se que 42,6% das raízes finas encontram-se nos primeiros 16 cm superficiais do solo e que 31% dessas raízes têm menos de 3mm de espessura, correspondendo a 84,6% do comprimento total de 22,1 x 10³ Km/ha. A zoomassa viva foi calculada em 0,2 t/ha, i.e., quase 50% da biomassa viva, sendo que 1/3 desse total se constituía de termitas e formigas. Vertebrados não chegaram a 10%. Com base na alimentação, essa zoomassa que vive à superfície orgânica do solo alimenta-se 50% de serrapilheira, 20% de madeira, 25% de animais e o resto de flores e frutos. A fitomassa viva subterrânea foi de 49 t/ha de raízes grossas e 206 t/ha de raízes finas (material fresco). Estimou-se em 94.000 o número de plantas/ha na área, incluindo cerca de 1000 palmeiras, e 502 espécies identificadas. A área basal foi de 29 m²/ha e o volume de madeiras das árvores >15 cm de DAP em 385 m³. As famílias melhor representadas pelo número de indi-

víduos e espécies foram as Moráceas s. l., Lauráceas, Lecitidáceas, Sapotáceas e as Leguminosas s. l., as quais juntas representavam mais de 50% do total das espécies identificadas. No final, tecem-se comentários sobre a pobreza limnológica e limnoquímica das águas da chuva e dos cursos d'água que cortam as florestas centro-amazônicas e muitíssimo pouco contribuem para a nutrição da vegetação.

0816 - ANÁLISE DA COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA E DA DIVERSIDADE EM VEGETAÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA DO LESTE DA AMAZÔNIA, TOMÉ-ACU, PA. Silvane Tavares Rodrigues¹, Samuel Soares de Almeida² & Therezinha Xavier Bastos². Embrapa Amazônia Oriental, ²Depto. De Botânica, Museu paraense Emilio Goeldi (samuel@museu-goeldi.br).

Os inventários florísticos são de suma importância para o reconhecimento da diversidade vegetal de uma determinada região, subsidiando estudos correlatos. Para tentar otimizar o entendimento da dinâmica do ecossistema amazônico é necessário analisar o processo de sucessão secundária numa amplitude considerável de fatores. Visando entender este processo foram instalados 4 experimentos em Tomé-Açu, Pará. Esses experimentos consistiram em inventariar os estratos arbustivo-arbóreo de 1 ha por ambiente. Este método foi aplicado em ecossistemas de mata primária de terra firme e em 3 capoeiras de diferentes idades. Em cada hectare amostrado foram sorteados e mensurados 10 transectos de 2 x 50 m (1000 m² total). Cada transecto foi dividido em 25 quadras de 2 x 2 m. Em cada quadra foram inventariadas e coletadas amostras de todas as plantas com diâmetro > 2 cm, das quais foram medidas altura total, altura do fuste e diâmetro a 0,5 cm do solo. Para o estudo da regeneração foram consideradas todas as plantas com diâmetro abaixo de 2 cm. Os estudos climáticos estão sendo realizados a partir dos dados de temperatura e unidade de ar, chuva e brilho solar, que vêm sendo coletados em estação meteorológica da EMBRAPA. O levantamento efetuado na mata primária registrou 39 famílias, 216 espécies e 388 indivíduos. A capoeira de 25 anos apresentou 33 famílias, 132 espécies e 341 indivíduos. A capoeira de 10 anos incluiu 34 famílias, 177 espécies e 472 indivíduos. A capoeira de 5 anos tinha 18 famílias, 87 espécies e 311 indivíduos. O ambiente climático mostrou as seguintes condições: a média anual de temperatura é 16,2 °C. O total de insolação anual está em torno de 2.500 horas, a umidade anual média é de 85% e o total pluviométrico é de aproximadamente 2.300 mm.

0817 - ANÁLISE ESTRUTURAL DO ESTRATO ARBÓREO DE VEGETAÇÃO SECUNDÁRIA (CAPOEIRA) COM IDADES DIFERENTES, CAPITÃO POÇO-PA. Breno Pinto Rayol¹, Maria do Socorro G. Ferreira² & Manoela F. F. da Silva³. ¹Bolsista IC/MPEG/CNPq, ²Embrapa Amazônia Oriental, ³Museu Paraense Emilio Goeldi. (breno.rayol@bol.com.br).

O crescente aumento de áreas de florestas secundárias, regionalmente conhecidas como capoeiras tem acarretado enormes problemas ambientais e sócio-econômicos às populações locais. Com a finalidade de estudar alternativas de uso dos produtos das capoeiras está sendo conduzido um projeto no nordeste paraense, do qual faz parte este trabalho. O presente estudo tem como objetivo caracterizar a estrutura da vegetação de três capoeiras de diferentes idades para subsidiar pesquisas de manejo como possível alternativa de uso. Foram realizados inventários em capoeiras de 8, 18 e 30 anos no Município de Capitão Poço-PA. Foram amostrados 10% de cada capoeira por parcelas sistemáticas de 10 x 10m, incluindo todos os indivíduos arbóreos vivos com diâmetro à altura do peito (DAP) = 10cm. Foi feita a identificação botânica e a medição de DAP e altura. A capoeira de 8 anos apresentou 10 espécies, 10 gêneros, 9 famílias e Ab = 6,287m²/ha. As espécies com maior Índice de Valor de Importância (IVI) foram: *Vismia guianensis* (Aubl.) Choisy (54.8), *Banara guianensis* Aubl. (49.0) e *Mabea paniculata* Spruce ex Benth (37.5). Guttiferae, Flacourtiaceae e Leguminosae são as famílias com maior dominância relativa. Na capoeira de 18 anos foram encontradas 14 espécies, 14 gêneros, 10 famílias e Ab = 7,488m²/ha. *Vismia guianensis* (Aubl.) Choisy (62.8), *Stryphnodendron guianense* (Aubl.) Benth (44.4)

Inga edulis Mart. (39.6) apresentaram maior IVI. Leguminosae, Guttiferae e Flacourtiaceae destacaram-se em dominância relativa. A capoeira de 30 anos apresentou 29 espécies distribuídas em 25 gêneros, 19 famílias e $Ab = 11,017m^2/ha$. *Inga alba* (Sw.) Willd. (39.8), *Guatteria poeppigiana* Mart. (37.6) e *Licaria canella* (Meissner) Kosterm. (30.1) foram as espécies com maior IVI. Leguminosae, destacou-se em dominância relativa seguida de Annonaceae e Lauraceae. Observou-se o aumento da área basal e riqueza de espécies nos estágios sucessionais mais avançados, indicando o aumento da complexidade estrutural e florística. PRODETAB; FINAN-BASA/FUNPEA.

0818 - COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA DE FLORESTAS EM GAÚCHA DO NORTE-MT. Natália Macedo Ivanauskas¹, Reinaldo Monteiro², Ricardo Ribeiro Rodrigues³ & Rodney Haulien Oliveira Viana⁴. ¹ Dep. de Botânica, UNICAMP e Dep. de Ciências Biológicas, UNEMAT - NX; ² Dep. de Botânica, UNESP - Rio Claro, ³ Dep. de Ciências Biológicas, ESALQ/USP, ⁴ Bolsista IC/UNEMAT-NX. nivanauskas@yahoo.com.br

A flora matogrossense ainda é pouco conhecida, principalmente nas áreas de transição entre os biomas da Floresta Amazônica e do Cerrado. Infelizmente, esta mesma flora está atualmente sob forte pressão de desmatamento para fins agrícolas e madeireiros, o que pode estar destruindo mensuráveis estoques genéticos, dos quais nada se conhece e pouco está conservado em herbário ou bancos de germoplasma. Neste contexto, este trabalho procurou colaborar para o conhecimento da flora matogrossense e de sua distribuição geográfica, apresentando o levantamento florístico executado numa área de transição entre a Floresta Ombrófila e Floresta Estacional, também conhecida como "região das florestas secas de Mato Grosso". A área de estudo localiza-se em Gaúcha do Norte-MT (13° 10' S e 55° 15' O, 390m de altitude), sob clima Tropical de Savana (Aw). O levantamento florístico foi realizado em março de 1999 e trimestralmente a partir de agosto de 1999 até março de 2001, em excursões com duração média de 5 dias, por meio de caminhadas na borda e o interior de florestas, sendo coletadas fanerógamas em fase reprodutiva. Também foram incluídas amostras vegetativas de espécies arbustivo-arbóreas, que não floresceram ou frutificaram durante o período de amostragem, amostradas em 3ha destinados ao levantamento fitossociológico. O levantamento florístico resultou em 70 famílias, 166 gêneros e 267 espécies. Do total de espécies, 66% apresentaram hábito arbóreo e 18% foram lianas. As ervas e arbustos praticamente restringiram-se às áreas de borda ou clareiras, somando 13%. Já a flora epifítica mostrou-se pouco expressiva (1%), quando comparada ao restante da Amazônia, em consequência do clima regional mais seco. Hemiepipitas, parasitas e palmeiras constituíram o percentual restante. Constatou-se que 63 espécies mostradas em Gaúcha do Norte ainda não haviam sido depositadas em herbários que mantêm coleções representativas da flora matogrossense, enfatizando a carência de coletas nas áreas florestais do Estado. FAPEMAT.

0819 - COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA EM CAPOEIRAS DA REGIÃO DO PACUÍ, AMAPÁ. Silas Mochiutti¹, José Antonio Leite de Queiroz¹ & Benedito Vítor Rabelo². ¹ Embrapa Amapá (leite@cpafap.embrapa.br), Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá.

A região do Pacuí, caracteriza-se por apresentar solos de textura leve em extensas áreas de capoeira, formadas após derrubada e queima da floresta para o cultivo de mandioca. Pesquisas têm sido realizadas visando a reintegração, mais rápida, dessas áreas ao processo produtivo, para evitar derrubada de novas áreas. Com o objetivo de avaliar-se a composição florística em capoeiras dessa região, recompondo-se naturalmente, realizou-se o presente trabalho. Foram instaladas 3 amostras de 20 x 50m, com palmeiras com 5, 10 e 15 anos de idade, na qual registrou-se dados das palmeiras jovens e adultas e das folhosas com CAP (Circunferência a Altura do Peito) igual ou superior a 15 cm. A amostra de 5 anos apresentou 7 famílias, 7 gêneros e 8 espécies de folhosas, com população de 10/ha; 1 espécie de palmeira, com população de 30/ha. A amostra de 10 anos apresentou 12 famílias, 13 gêneros e 16 espécies de folhosas, com população de 350/ha; 1 família, 2 gênero e 2 espécie de palmeira, com população de 60/ha. A amostra de 15 anos apresentou 13 famílias, 13 gêneros e 19 espécies de folhosas, com população de 550/ha; 1 espécie de palmeira, com população de 10/ha. Observou-se pouca diferença entre as amostras, quando considerou-se a população; já para a composição florística, observou-se que o número de espécies cresceu com o aumento da idade das capoeiras. 5 folhosas estiveram presentes nas 3 amostras, com as seguintes densidades relativa: biribarana (*Annona seriiflora* Dun) família anonaceae, com 39,5%, 14,3% e 1,8%; raparigueira (*Corchorus perrottetii* (D.C.) Planchon var. *angustifolius* Radlk.) família

connaraceae, com 20,9%, 11,4% e 9,0%; curupita (*Sapium taburo* ULE) família euphorbiaceae, com 14,0%, 2,9% e 1,8%; chapéu de sol (*Cordia sagotii* JOHNST.) família boraginaceae, com 11,6%, 2,9% e 10,9%; envira preta (*Annona paludosa* Aublet.) família anonaceae, com 2,3%, 2,9% e 1,8%, respectivamente.

0820 - COMPOSIÇÃO E ESTRUTURA FLORÍSTICA DE UMA FLORESTA DE VÁRZEA NO ESTUÁRIO AMAZÔNICO, ILHA DO COMBU, ESTADO DO PARÁ, BRASIL. Mário Augusto G. Jardim¹ & Ima Célia Guimarães Vieira². ^{1,2} Museu Paraense Emílio Goeldi, Depto. de Botânica. (jardim@museu-goeldi.br), (ima@museu-goeldi.br)

O objetivo desta pesquisa foi conhecer a composição e estrutura florística de uma floresta de várzea localizada na Ilha do Combu, município de Belém, Estado do Pará. Foram delimitadas dez parcelas de 1 hectare alocadas em dois ambientes (sendo cinco parcelas na várzea baixa e cinco parcelas na várzea alta) e divididas em transectos de 10 x 100 m. Em seguida mensurou-se as árvores e palmeiras com diâmetro a altura do peito (DAP ³ 10 cm) e estimou-se a altura. Para Famílias e Espécies calculou-se a frequência relativa (FR); densidade relativa (DR); dominância relativa (DoR); índice de valor de importância (IVI%) e índice de valor de cobertura (IVC) através do Programa FITOPAC. As amostras botânicas coletadas de árvores e palmeiras foram classificadas pelo Sistema de Cronquist adotando-se o "nomina conservada" para Leguminosae e incorporadas no Herbário João Murça Pires do Museu Paraense Emílio Goeldi/MG. Os resultados mostraram 18 famílias, 41 gêneros e 45 espécies na várzea baixa e 29 famílias, 56 gêneros e 67 espécies na várzea alta. Nos dois ambientes a palmeira açaí foi dominante. As palmeiras foram mais representativas na várzea baixa, enquanto as árvores na várzea alta. Possivelmente, os fatores do meio influenciaram na adaptabilidade das espécies nos respectivos ambientes.

0821 - COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA DA REGENERAÇÃO NATURAL E SUB-BOSQUE DE UMA FLORESTA OMBRÓFILA DENSAS DOS TERRAÇOS ALUVIAIS NO MÉDIO RIO JURUÁ - AM. Francisca Dionizia de Almeida Matos¹ & Iêda Leão do Amaral¹. ¹ Coodenação de Pesquisa em Botânica - CPBO/INPA. (fmatos@inpa.gov.br)

As diferenças no dossel da Floresta Densa e o aparecimento de grupamentos de palmeiras, ligadas às mudanças ambientais para locais mais úmidos, determinam a classificação das fisionomias florestais do Terciário e do Quaternário na região do médio rio Juruá. Assim, o local de estudo, situado a margem direita do Rio Juruá, é constituído de Floresta Ombrófila Densa e o estudo da regeneração natural das espécies arbóreas constitui o apoio ecológico para a sobrevivência do ecossistema florestal. O levantamento dessa regeneração e dos espécimens de sub-bosque foi efetuado com base na categoria de tamanho, como recomendado para estudos de estrutura de regeneração, nas florestas tropicais naturais. Foram estabelecidas amostras de 2 x 2m, a cada 50m, em um transecto linear de 1000m, totalizando 20 unidades amostrais de 4m². A composição florística para os dois grupos de vegetação (regeneração e sub-bosque) abrangeu 559 indivíduos, os quais estão classificados em 109 espécies, sendo 3 indeterminadas, distribuídas em 81 gêneros, pertencentes a 50 famílias. Do contingente de espécies, 42,2% são espécies arbóreas, que fazem parte do dossel, com probabilidade de chegarem ao estrato superior. Deste percentual, 12 espécies detêm 23,25% dos indivíduos totais abordados. Entre as quais destaca-se *Inga* sp. (18 indivíduos), *Eschweilera coriacea* (DC.) Mart. ex. Benth (16), *Aryanthera juruensis* Warb. e *Brosimum rubescens* Taubert (10). Entretanto, quando se analisa todo o contingente de indivíduos abordados na regeneração e sub-bosque, merece destaque duas espécies de herbáceas *Pariaria radiflora* Doell (69 ind.) e *Ischnosiphon* sp. (40), as duas, juntas, representam 19,5% do total de indivíduos registrados nas parcelas amostrais. As famílias Arecaceae, Burseraceae, Melastomataceae, Moraceae, Myristicaceae, Rubiaceae, Sapotaceae e Violaceae foram as mais diversificadas, com 16% da diversidade familiar total e representam 38,5% da diversidade específica encontrada na regeneração e sub-bosque.

0822 - A VEGETAÇÃO DOS "SALÕES" DA AMAZÔNIA OCIDENTAL: PRIMEIRA ABORDAGEM. Douglas C. Daly¹, Denise Pinheiro da Costa², e A. William F. Melo³. ¹The New York Botanical Garden (NYBG), ²Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ³Fundação BIOMA/WHRC/LBA/UFAC. (ddaly@nybg.org).

Nos últimos 10 anos, excursões do convênio UFAC/NYBG têm mostrado várias formações de salão nas duas bacias do Estado do Acre, no alto Rio Purus e Juruá. Os salões são rochas sedimentares em processo